

GUIA SENSUAL DE SEGURANÇA DIGITAL

Fazer e mandar nudes é um direito e também pode ser uma prática de resistência prazerosa contra o machismo, o conservadorismo, o racismo e a heteronormatividade. Publicá-los ou não deve ser uma escolha exclusivamente sua, no exercício do seu direito à privacidade. Por isso, aqui estão algumas estratégias e ferramentas que podem nos ajudar a espalhar nossos nudes por aí de forma um pouco mais segura:

AUTOCURTIÇÃO

Use a câmera do seu celular pra trabalhar seus melhores ângulos. Ninguém melhor que você pra descobrir esse caminho. Fotografe intensamente e tenha a confiança de que não há regras ou constrangimentos estéticos em jogo. Um nude não precisa ser necessariamente uma foto pornográfica ou das partes mais imediatamente associadas ao sexo. No papel duplo de câmera e modelo, é você quem diz o que vale e o que não vale. Sinta-se totalmente confortável e sexy.

ANONIMIZE!

Caso os nudes sejam destinados a alguém que você não confia totalmente, é bom tomar cuidado para não mostrar seu rosto, tatuagens, marcas de nascença, cicatrizes, móveis da sua casa etc. A internet fez de todos nós stalkers e você nunca saberá os limites da síndrome de detetive de alguém. Existem aplicativos, como o Obscuracam, que pixelizam rostos e alteram detalhes da foto que não queremos mostrar. Toda vez que você tira uma foto, ficam marcados dados de localização, horário, tipo de dispositivo e outras informações que podem servir para te identificar - são os chamados metadados. Existem editores de metadados, como o Photo Exif Editor (disponível para iPhone e Android), que apagam ou modificam essas informações e são fáceis de usar

USE CANAIS "SEGUROS" NA HORA DE COMPARTILHAR

Um aplicativo realmente confiável combinaria: encriptação ponta a ponta; bloqueio de screenshot; fotos e mensagens autodestrutivas nos dispositivos e servidores; login sem necessidade de email, telefone ou nome real; bloqueio da lista de contatos; e código aberto do app - combinação que não encontramos em nenhum dos aplicativos citados aqui. Tudo que testamos até agora tem suas vantagens e riscos. O importante é você conhecê-los e saber o que está em jogo na hora de usá-los.

Evite mandar nudes por SMS, iMessage, Whatsapp, Telegram, Facebook (pelo amor das deusas), Tinder, Happn ou qualquer outro aplicativo de chat que vá mostrar seu número ou deixar o arquivo ser facilmente salvo por quem recebê-lo. Também é melhor evitar aplicativos que não usam criptografia ponta a ponta, já que isso facilita que terceiros interceptem o canal e bisbilhoteiem o que não devem. Aplicativos como o Confide e o Wickr têm esse tipo de criptografia e fazem que suas fotos se autodestroem imediatamente depois de vistas - o que não acontece no Snapchat, que requer número de telefone para o cadastro e mantém as imagens no ar por 24h. Com algum malabarismo, é possível printar a imagem no Confide e no Wickr, mas você será avisada caso aconteça. No Confide, a foto só é revelada parcialmente conforme você desliza o dedo sobre ela, o que ajuda a dificultar a identificação. Com o aviso de print, você fica sabendo quem tentou trapacear.

Esses dois aplicativos permitem que você se cadastre sem associar seu número de celular. Lembre-se que associar sua conta com o Facebook ou Gmail automaticamente associará seus nudes a elas.

DESCONFIE E USE SENHAS FORTES

Use senhas fortes (de preferência usando palavras longas, em línguas diferentes, com números e alternância entre caixa alta e baixa) no bloqueio de tela e, se possível, criptografe seu telefone (Android e iPhone). Não forneça sua senha a ninguém e sempre desconfie se alguém em quem você não confia te pedir o seu celular emprestado. Uma pessoa mal-intencionada pode roubar suas fotos e instalar apps que te "espiam". Tome cuidado ao usar conexões WiFi compartilhadas em lugares públicos; elas podem ser armadilhas para roubar seus dados. Se for inevitável usá-las, procure sites e apps que forneçam conexões criptografadas (identificados com httpS na barra de endereço) ou baixe um aplicativo de VPN, como o Bitmask (disponível para Android) ou o OpenVpn. Por último, não se esqueça que toda foto enviada para um app é enviada para um servidor de uma empresa ao qual você não tem acesso, mas a empresa e o governo têm. Apesar de muitos aplicativos prometerem segurança, sabemos que vazamentos de informações podem acontecer (vide Ashley Madison e Snapchat).

PRIVACIDADE

Há quem diga que a internet transformou a ideia de privacidade em coisa do passado. Por outro lado, mais e mais temos visto pessoas que questionam identidade de gênero e sexualidade sendo alvos de "doxing", pornografia de vingança e perseguições off-line e online. Na maioria das vezes, esses ataques se aproveitam da abundância de dados que deixamos como rastros digitais. Esses dados podem ser usados para ofender, ameaçar e traumatizar. Na internet, nossos gestos, gostos e momentos íntimos são registrados como bits e bytes que são transmitidos e armazenados sem que saibamos por quem, onde e por quanto tempo. Mesmo assim, ainda podemos fazer escolhas. Privacidade é o poder de escolher quem tem acesso às nossas informações pessoais e em que circunstâncias. Isso pode ser exercido através das escolhas de quais tecnologias de comunicação utilizamos.

Proteger suas comunicações e dados não é coisa de hacker ou nerd. É uma questão de empoderamento pela curiosidade e pela liberdade de escolha. Ferramentas de criptografia e segurança digital estão disponíveis e são fáceis de utilizar. Este guia apresenta algumas delas para o contexto da troca de imagens privadas. Mais informações sobre o assunto podem ser encontradas no www.antivigilancia.org

DELETE OU ESCONDA BEM

Aceitar a efemeridade da vida e apagar tudo imediatamente depois de usar é a forma mais segura de evitar surpresas. Mas guardar os nudes em uma pasta criptografada no seu computador também é uma boa opção. Lembre-se de que seu celular pode criar backups das suas fotos em vários lugares e é sempre importante checar cada recôndito. Um aplicativo que ajuda a apagar os traços de seus arquivos é o Ccleaner, disponível para Android, Windows e Mac OS. Se for salvar suas fotos no computador, assegure-se de que a pasta está criptografada e que só você tem acesso à senha (ou frase-passe). O estado da arte - que protege sua bunda até da NSA - é usar a suíte PGP. Tem pra Windows, Linux ou MacOs. É só criar as chaves, guardar sua chave privada, distribuir sua chave pública e usar sempre que transmitir ou guardar seus arquivos.

EXPOSTA NA TIMELINE

Ter seus nudes publicados pode não ser necessariamente ruim, desde que isso seja uma decisão sua. Se é você quem publica e banca essa atitude, ninguém deveria poder usar isso contra você. Mas, infelizmente, ainda não chegamos lá.

Além de maravilhosos, nossos nudes também podem provocar uma discussão importante sobre nossos corpos e nossos desejos de como olhá-los, exibi-los e usá-los. Se apropriar e ressignificar a linguagem pornográfica - avassaladoramente machista - para nosso próprio protagonismo e prazer tem que ser um caminho possível. Artistas como Aleta Valente (@ex_miss_febem), Fannie Sosa têm explorado essa possibilidade e usado seus corpos para abrir espaços na rede.

No caso de terem publicado seus nudes contra sua vontade, há formas de recorrer. A Constituição Federal assegura os direitos da personalidade. Entre eles, os direitos à privacidade, imagem, honra e dignidade. Neste sentido, legislações mais específicas como o Código Penal (crimes contra a honra), a Lei Maria da Penha (violência psicológica) e o Marco Civil da Internet podem te ajudar. Você pode respirar fundo e recorrer à justiça para tentar retirar o conteúdo da rede e ser indenizada pelos danos sofridos. Conhecer uma advogada sempre ajuda.

Se este guia te fez parar o trabalho pra mandar uns nudes, lembre-se destas humildes palavras: Pose, fotografe, encripte e peça a proteção da nossa senhora das perseguidas.

UM GRITO ÀS MÃES CRIADORAS DE ESPELHOS

Por Fannie Sosa

"if you want to make a human being into a monster, deny them, at the cultural level, any reflection of themselves." -Junot Diaz #makingmirrors" - SCZ, @decolonisedmindz

Quando a Natasha me escreveu pedindo um texto sobre auto-representação, hesitei um pouco antes de aceitar. Senti uma resistência aguda a gerar mais discurso sobre selfies como instrumento de empoderamento. Precisei parar por um momento e observar esse sentimento. Percebi que já tinha lido vários artigos defendendo ou condenando selfies como ferramenta crítica e que o que mais me incomodava era a configuração do debate no qual esses textos se inserem. Pesquisando meu desconforto, encontrei um texto acadêmico que começava com a frase: "Selfies já não têm graça e, portanto, finalmente se tornaram interessantes". Então entendi exatamente o que me pesava na consciência: o leitor branco, cis e financeiramente estável que mediria minhas palavras contra todos os artigos do Buzzfed que citam estudos científicos que dizem que fazer selfies é patológico, narcísico, irresponsável e/ou imaturo. Para mim, não se trata de um debate. Selfies feitas pela comunidade QTIAPOC (queer, transgender, intergender, agendered person of color) ao meu redor não são nada sem graça. Nunca foram e nunca serão. Estou absolutamente cansada de ouvir discursos que classificam práticas de auto-affirmação envolvendo corpos queer e de cor como "contraditoriamente subversivas", isto é, discutíveis em sua capacidade de abrir espaço. Da mesma maneira que estou cansada de falar com pessoas brancas que querem falar de raça usando números e ideias que negam a ideologia racista da supremacia branca e de homens cis que vêm falar sobre privilégios das mulheres. Esse tipo de discussão já começa de maneira desonesta, em condições de desigualdade nas quais alguns detêm a verdade com seus números, referências científicas e dominância socio-cultural, enquanto outros são vistos como mesquinhos, emotivos, irracionais, auto-vitimizados e narcísicos.

Gostaria de dizer aqui algo que agora é muito claro pra mim. Se você está organizando debates ou se perguntando se "selfies podem ser um ato crítico?", é preciso olhar em volta: Se não há corpos negros ao seu redor se esforçando para serem vistos, é bem possível que você seja branco, financeiramente estável e cis. Este texto não pretende gastar mais tinta discutindo a natureza paradoxal das selfies. O que estou fazendo aqui é uma narrativa e um gesto de gratidão. Eu gostaria de espalhar as histórias de auto-representação como as de Ana Mendieta, Carrie Mae Weems e Frida Kahlo que abriram caminho para que eu conseguisse capturar meu corpo e alma sem sentir vergonha, sabendo agora o que essas imagens teriam significado para a criança e adolescente emo que fui (aliás, fui emo porque crescer mestiça, mulher e gordinha é difícil). E gostaria de fazer isso enquanto olho pra trás, por cima da minha bunda mestiça, e mando ir se foder o olhar masculino e branco que quis diminuir o valor da nossa expressão.

Quando um corpo feminino de cor faz uma selfie, são 3 as ações subversivas em jogo:

1. Encontrar espaço, tempo e tecnologia para se capturar. Para várias de nós, isso é uma conquista em si, financeiramente falando.
2. Fortalecer corpos QTIAPOC mais jovens que, por opressão, pensam que não podem querer ser amados/desejados/admirados, ou o que não podem ser protagonistas da própria vida.
3. Reclamar espaços de presença sólida onde os estereótipos racistas da supremacia branca nos reduziram a versões desbotadas de nós mesmas.

Este texto é para criar um reflexo, construir e segurar um espelho em frente aos corpos que não se vêem representados em sua inteireza, incluindo eu mesma quando criança e adolescente. É para dizer: você não é uma órfã. Você tem mães e irmãs por aí criando espelhos e todas elas querem saber mais sobre você.